

A DISCRETA REVOLUÇÃO DIGITAL

» TIAGO FARIA
» MARIANA MOREIRA
» MAÍRA DE DEUS BRITO

De tão discreta, a revolução passou despercebida para muita gente. Mas Leonardo Sette, um dos diretores do documentário *As hiper mulheres*, não escondia um certo orgulho ao comentar sobre a importância daquela sessão de terça-feira, que abria a mostra competitiva do 44º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. “É a primeira vez que um longa em digital passa no festival, não é?”, observou ao repórter. Não seria exagero, portanto, eleger aquela projeção como um momento histórico na trajetória do evento. A mostra mais antiga do país aceitou, enfim, a convivência entre a película e o digital.

A inovação provocou transformações significativas tanto na disputa principal — que passou a incluir filmes que teriam sido excluídos do festival em edições anteriores — quanto nas seleções paralelas. Na Mostra Brasília, por exemplo, caiu a separação entre curtas em 35mm e as produções de iniciantes, universitários: todos ocuparam a mesma tela, no Museu da República. E a qualidade da projeção, um “quesito” que amedrontava os realizadores à véspera do evento, não decepcionou: ainda que sem as nuances da película, agradou a cineastas e a plateia.

“O festival teve várias mudanças, muitas foram questionadas. Mas não vi ninguém criticando a inclusão de filmes em digital. A tecnologia deixou de ser uma questão de opinião”, comentou Sette, que dirige *As hiper mulheres* com Carlos Fausto e Takumã Kuikuro. O longa, que retrata o maior ritual feminino do Alto Xingu (MT), se beneficia da praticidade das câmeras digitais para se embrenhar no ambiente onde vivem os personagens. “O cinema contemporâneo

passa pelo digital. É inevitável. Se o festival ficasse limitado aos filmes em 35mm, seria coisa de museu. Esse foi uma mudança que aconteceu naturalmente, e é por isso que as pessoas estão a encarando com muita naturalidade”, diz.

O curta paulista *A casa da vó Neyde*, de Caio Cavecchini, é um exemplo de filme que encontrou um espaço na competição graças à alteração no regulamento do festival. “É uma janela que se abre para os realizadores. Nesse momento da nossa produção, em que todos têm uma câmera ou um celular, a discussão (sobre a valorização da película) deixou de fazer sentido”, afirma. “O festival está quatro anos atrasado quando se fala em digital. Também acredito que é desimportante discutir a bitola usada para fazer o filme. O que interessa é o que ele mostra, o que ele tem para comunicar”, reitera o diretor Aly Muritiba, do curta *A fábrica*.

Apesar da boa aceitação de uma tecnologia antes barrada no Cine Brasília, ainda é indiscutível que existe uma diferença marcante entre os detalhes da película e a projeção “chapada” do digital, transmitido pela empresa paulista Auwê Digital (a antiga Rain). “Não tem a mesma qualidade”, admite Alexandre Dubiela, diretor da animação *Bomtempo*. “A película vai além, tem uma capacidade bem maior. Só que ela é muito cara. Se você tem uma verba como a que eu tive, por exemplo, não teria como exibir o filme”, aponta. Para converter o curta ao 35mm, Dubiela gastaria praticamente todo o investimento que fez no projeto. “O digital permite que mais pessoas mostrem seus trabalhos”, pondera o cineasta.

Sem defeito

O mineiro Edgard Paiva, da animação *2004*, também estava preocupado com o rigor da projeção. Ficou aliviado, no entanto, com um resultado que não



Bom resultado na telona: operador usa computador para projeções digitais durante as sessões do Cine Brasília

“O CINEMA CONTEMPORÂNEO PASSA PELO DIGITAL. É INEVITÁVEL. SE O FESTIVAL FICASSE LIMITADO AOS FILMES EM 35MM, SERIA COISA DE MUSEU”

LEONARDO SETTE, CODIRETOR DE *AS HIPER MULHERES*

“O PROCESSO DE CONVERTER UM FILME PARA PELÍCULA É CARO, DEMANDA TEMPO E UMA LOGÍSTICA TRABALHOSA. O DIGITAL DEMOCRATIZA A PRODUÇÃO, DE VERDADE”

EDGARD PAIVA, DIRETOR DO CURTA DE ANIMAÇÃO *2004*

“É COMO COMPARAR A FOTOGRAFIA DIGITAL E A FOTOGRAFIA EM PELÍCULA: NÃO TEM A MESMA QUALIDADE. APESAR DISSO, MAIS PESSOAS AGORA PODEM MOSTRAR OS SEUS TRABALHOS”

ALEXANDRE DUBIELA, DIRETOR DO CURTA DE ANIMAÇÃO *BOMTEMPO*

degradou o trabalho de cores do projeto desenvolvido por ele. “É muito bom poder criar e depois guardar todos os arquivos do filme no computador. Hoje, todo mundo está apto a produzir”, conclui o diretor. “Fico nervoso antes das exhibições, porque nem sempre a exibição é boa. Já aconteceu de o filme travar, mas aqui deu tudo certo”, comentou Rafael Urban, autor do curta *Ovos de dinossauro na sala de estar*.

O contraste entre digital e película, porém, se fez notar na segunda noite da mostra competitiva. Os curtas foram exibidos em digital. Já o longa *Trabalhar cansa* brilhou na tela com as

ranhuras (e a precisão visual) do 35mm. “Fiz questão de trazer o filme em película. Ele foi produzido assim, não poderia ter sido exibido de outro jeito aqui em Brasília”, afirmou a produtora Sara Silveira, ao fim da sessão. No lançamento comercial do longa, serão distribuídas cópias nos dois formatos: 12 delas em 35mm. “Achei a projeção digital boa também. Na verdade, não importa a bitola. O importante é a coerência da linguagem utilizada. Acho natural que o festival tenha incluído o digital”, elogiou a codiretora do longa, Juliana Rojas.

No caso do curta *Ser tão cinzento*, o diretor baiano Henrique Dantas não

estava tão apreensivo em relação ao grau de detalhismo da projeção digital. O filme agrega várias “camadas” de imagens, entre projeções em paredes e película antiga — a preservação do passado cinematográfico é um dos temas principais de que o filme trata. “Trabalhei pensando que esse filme poderia ter sido exibido em diversos formatos: em DVD, em película, no computador. O próprio filme propõe um pouco essa viagem”, comenta. Uma aventura que, no Festival de Brasília de 2011, não encontrou resistência.

▀ Colaborou Yale Gontijo

FESTIVAL DE IMAGENS

Diversidade, renovação, irreverência, interesses comuns e descontração marcam as noites do Cine Brasília, como confirmam os cliques do fotógrafo Carlos Moura

